

FGV prevê recuperação lenta a partir do quarto trimestre

por Reginaldo Heller
do Rio

"Se as autoridades na área econômica, movidas por pressões de toda ordem, decidirem utilizar-se da pequena brecha já obtida em termos de controle da inflação e da balança comercial, forçando a marcha dos acontecimentos, produzirão curta e efêmera recuperação, para cairmos todos de novo, e em piores condi-

ções, numa nova recessão." Esse é o alerta dos economistas da Fundação Getúlio Vargas, expresso na carta do IBRE, espécie de editorial da revista "Conjuntura Econômica", cujo número de agosto começou a circular ontem. Ou seja, os técnicos da FGV estão prevendo uma trajetória de recuperação econômica semelhante à letra U, o que significa uma demora maior na retomada do crescimento eco-

nômico, tal como ocorreu no período 1977/79. Dessa forma, as restrições no âmbito do balanço de pagamentos tornam muito provável a manutenção da atual fase recessiva pelo menos até o quarto trimestre deste ano ou primeiro trimestre de 1982. Uma reativação prematura provocaria uma trajetória semelhante à letra W.

A carta do IBRE faz uma comparação entre as minir-

recessões anteriores e a atual, exemplificando as diferenças pelos níveis hoje intolleráveis no saldo de reservas cambiais, pela maior sintonia da economia brasileira com o ritmo internacional e pela total impossibilidade de lançar mão de antigos expedientes de substituição de importações para injetar estímulos à demanda interna. Além disso, diz a carta do IBRE, "a magnitude dos projetos já em curso (principalmente governamentais) mais do que compromete os recursos não inflacionários com os quais se poderia, de outra forma, tentar obter novo ânimo nos investimentos a curto prazo". E recomenda, portanto, "uma administração com bom senso dos diferentes episódios da crise, permitindo tempo para gestar-se completamente a recuperação almejada".

BALANÇA

Estatisticamente, a economia brasileira atingiu a linha de resistência oferecida pelas recessões anteriores (1975 e 1977), mas o conjunto de forças que hoje atuam diretamente sobre a crise permite considerar que essa mesma linha se situa, agora, em níveis mais baixos, isto é, que a queda de produção industrial deverá prosseguir, como, aliás, atestam as previsões dos empresários na pesquisa trimestral da FGV: as piores oferecidas pelos empresários num mês de julho, de qualquer ano, desde que iniciados esses levantamentos em 1968.

A reativação dependerá exclusivamente do reequilíbrio da balança comercial e diminuição do déficit de serviços. Nesse sentido, o controle das importações deve prosseguir e os estímulos às exportações devem ser até aumentados, e, neste caso, é preciso corrigir a atual defasagem da taxa cambial, pois, se frente ao dólar o cruzeiro já se desvalorizou 79,8%, de julho de 1980 a julho de 1981, com a valorização da moeda americana, a desvalorização efetiva do cruzeiro em relação às moedas de nossos parceiros comerciais foi, no conjunto, de apenas 48,4% no mesmo período.